

CIDADES MÉDIAS NA REDE URBANA DO PARANÁ/BRASIL: IDENTIFICAÇÃO PRELIMINAR

SANDRA CRISTINA FERREIRA - sheidecke@hotmail.com
Universidade Estadual do Centro Sul do Paraná- Brasil

Resumo	<p>A discussão que empreendemos neste artigo tem como objetivo identificar as cidades médias presentes na rede urbana do estado do Paraná-Brasil. Para o desenvolvimento da proposta, analisamos a dinâmica demográfica do estado de 1940 a 2007 e a emergência de cidades nas quais se concentraram maior número de habitantes, favorecendo o adensamento de atividades econômicas e as interações espaciais. Consideramos que, ao acumularem esses atributos, as cidades tornam-se mais aptas a desempenharem a função de cidades médias e a exercerem influência sob outras cidades. Como apoio teórico à discussão, apresentamos uma breve nota sobre as cidades médias no Brasil com alguns dos principais autores/as que se dedicam à temática como: Amorim Filho (1976), Amorim Filho e Serra (2001), Soares (2003, 2005, 2007), Spósito (2001, 2007), Andrade e Lodder (1979), Andrade e Serra (2001), Steinberger e Bruna (2001), dentre outros. Como parte da metodologia empregada, a localização geográfica das cidades paranaenses, distribuídas segundo o nível de hierarquia urbana, auxilia na compreensão dos critérios metodológicos e argumentos utilizados para considerações preliminares sobre cidades médias no Paraná. Os resultados e conclusões obtidos derivam da discussão teórica e de pesquisas empíricas e em fontes secundárias, que oportunizaram a apresentação das características mais contundentes para o desempenho de funções de cidades médias entre as cidades pesquisadas: Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Guarapuava.</p> <p>Palavras chave: Rede urbana - cidade média - população - fluxos - Paraná</p>
---------------	---

Resumen	<p style="text-align: center;">CIUDADES INTERMEDIAS EN LA RED URBANA DEL PARANÁ/BRASIL: IDENTIFICACIÓN PRELIMINAR</p> <p>Este artículo tiene como objetivo identificar las ciudades medianas en la red urbana en el estado del Paraná-Brasil. Para ello, hemos analizado la dinámica demográfica del estado desde 1940 hasta 2007. Nos hemos centrado en el surgimiento de las ciudades con mayor número de personas, ya que existe mayor intensificación de las actividades económicas así como de las interacciones espaciales. Como soporte teórico, hemos presentado una breve nota sobre las ciudades intermedias en Brasil, a través del aporte de algunos autores que se dedican al tema como: Amorim Filho (1976), Amorim Filho y Serra (2001), Soares (2003, 2005, 2007), Spósito (2001, 2007), Andrade y Lodder (1979), Andrade y Serra (2001), Steinberger y Bruna (2001), entre otros. Parte de la metodología empleada constituyó en la localización geográfica de las ciudades paranaenses según su jerarquía urbana. Eso permitió la comprensión de los criterios metodológicos y los argumentos utilizados para la designación preliminar de las ciudades medianas en el Paraná. Los resultados y conclusiones arribados derivan de la discusión teórica, investigación empírica y de las fuentes secundarias. Todo lo expuesto ha permitido la presentación de las características más contundentes del desempeño de funciones de ciudades medianas investigadas, tales como: Londrina, Maringá, Cascavel y Guarapuava respectivamente.</p> <p>Palabras clave: <i>Red urbana - ciudad intermedia - población - flujo - Paraná</i></p>
----------------	--

Abstract	<p style="text-align: center;">MEDIUM CITIES IN THE URBAN NETWORK OF PARANÁ/BRAZIL: PRELIMINARY IDENTIFICATION</p> <p>The discussion that we sought in this article has as target to identify the medium cities present in the urban network in the state of Paraná-Brazil. To develop this proposal, we analyzed the demographical dynamic of the state from 1940 to 2007 and the emergencies that the cities in which concentrate the larger number of inhabitants, favoring the density of economic activities and the environmental interactions. As theoretical support to the discussion, we present a brief note about</p> <p style="text-align: right;">↵</p>
-----------------	--

the medium cities in Brazil with some of the main authors that dedicate to the theme as: Amorim Filho (1976), Amorim Filho e Serra (2001), Soares (2003, 2005, 2007), Spósito (2001, 2007), Andrade e Lodder (1979), Andrade e Serra (2001), Steinberger e Bruna (2001), among others. As part of the methodology applied, the geographical localization of the cities of Paraná distributed according to the hierarchical urban level that helps in the comprehension of the methodological criteria and arguments used to the identification and primarily denomination of the medium cities. The obtained outcomes and conclusions derivate from theoretical discussion and empirical researches and in secondary resources that made available the identification of medium cities being respectively: Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa and Guarapuava

Keywords: *Urban Network - Population - Medium City - Flux - Paraná*



Introdução

O surgimento e o desenvolvimento de uma rede urbana no Paraná estão estreitamente ligados ao processo histórico de sua ocupação, principalmente por meio das políticas territoriais e dos interesses econômicos. Inicialmente, as atividades predominantes estavam vinculadas às vantagens naturais, como a mineração, a extração da erva-mate e da madeira, a criação de animais (gado e muares), e à lavoura, representada pela cafeicultura, dentre outras culturas. Essas atividades foram desenvolvidas por agentes distintos em tempos e lugares diferentes, que mantiveram as cidades desarticuladas e uma economia oscilante e dependente de mercados externos ao estado e ao país.

O estado foi espacialmente ocupado e socioeconomicamente transformado desde as primeiras incursões no litoral entre os séculos XV e XVI; a formação do Paraná tradicional com a ocupação dos Campos de Curitiba (século XVII), Campos Gerais (século XVIII); Campos de Guarapuava e Palmas (século XIX); Norte Velho ou Pioneiro (final do século XIX a aproximadamente 1930); Norte Central ou Novo (entre 1920 e 1940); Norte Novíssimo ou Noroeste (início da década de

1940) e Sudoeste do estado (1950-60)¹.

A formação das cidades ocorreu conforme o dinamismo econômico dos grupos locais frente às transformações de ordem político-econômicas oriundas de escalas mais amplas, constituindo um espaço heterogêneo e fragmentado, resultado de um processo de ocupação lento e descontínuo (PADIS, 2006), que constituiu a base para a configuração da rede urbana como "um produto e uma condição social historicamente construída" (Corrêa, 1997:8).

A partir da década de 1970, o Paraná se reorganiza e se define sob as determinações políticas e econômicas que afetaram de maneira diferenciada seu espaço e sociedade, principalmente, com a modernização agrícola, com o movimento campo/cidade, com a urbanização e a industrialização. O estado passa gradativamente a expandir sua rede de cidades e a aprofundar o conteúdo técnico, científico e informacional construindo, assim, uma rede de infraestruturas imprescindíveis à criação de condições para a intensificação da industrialização, urbanização, emergência e consolidação de cidades médias.

A discussão que empreendemos neste artigo tem como objetivo identificar características de cidades médias entre algumas cidades na rede urbana paranaense. Consideramos, para o desenvolvimento da temática, a análise da dinâmica demográfica do estado de 1940 a 2007 e a emergência de cidades nas quais se concentrou um maior número de habitantes e ocorreu um adensamento de atividades em comércio, serviços e indústrias, que favoreceram as interações espaciais. No intuito de contextualizar a temática, apresentamos uma breve nota sobre os estudos que se referem às cidades médias no Brasil. Como parte do encaminhamento metodológico, além das fontes bibliográficas, a verificação da distribuição das cidades paranaenses, segundo o nível de hierarquia urbana na

1 Tais períodos referem-se ao auge da expansão da ocupação e produção do espaço que contribuiu para a emergência e consolidação das cidades e da rede urbana efetiva enquanto processo transformador, portanto, com datação histórica que considera a existência de processos desencadeados anterior, durante e posterior aos referidos marcos cronológicos, que fogem a nossa apreensão em sua totalidade.

rede, contribuiu para o entendimento dos critérios empregados para as considerações sobre as cidades médias no Paraná.

Cidades médias no Brasil: estudos e definições

As cidades médias têm sido objeto de estudo em vários países e não se configuram numa temática recente. No Brasil, entretanto, o interesse por tal categoria de cidades remonta à década de 1970, sendo que o tema recebeu novo enfoque após 1990 devido às transformações político-econômicas, socioespaciais e, principalmente, pela complexidade que a rede urbana passou a apresentar. Inicialmente, além de fazerem parte dos planos de governo, o fenômeno das cidades de porte médio e médias seguiu como objeto de investigação científica, sendo estudado por profissionais de diferentes áreas. Na Geografia brasileira, vários pesquisadores têm se dedicado à investigação e publicações sobre o tema. Trabalhos como Amorim Filho (1976), Amorim Filho e Serra (2001), Soares (1999, 2003, 2007), Spósito (2001, 2007), Andrade e Lodder (1979), Andrade, Serra (2001), Steinberger e Bruna (2001), dentre outros, estimulam o debate e fundamentam pesquisas sobre a cidade média.

Sobre a classificação dessas cidades, na década de 1970, Andrade e Lodder (1979) definiram como critério norteador para o tamanho das cidades o número de habitantes, considerando como pequenas as de até 50 mil habitantes; de porte médio as de 50 mil a 250 mil habitantes; grandes as de 250 mil a 2 milhões de habitantes e metrópoles as que possuem acima de 2 milhões de habitantes. Em estudo mais recente, de Andrade & Serra (2001:129) adotaram parâmetros demográficos mais amplos para a definição de cidades médias, considerando centros com população entre 50 e 500 mil habitantes divididos em cidades com população entre "50 a 100 mil, 100 a 250 mil e 250 a 500 mil habitantes" e não fazendo exceção entre cidades, trabalhando, inclusive, com as metropolitanas. Amorim Filho e Serra (2001) consideraram como cidades de tamanho médio o conjunto daquelas com população urbana entre 100 mil e 500 mil habitantes, conceituando essa que se identifica com a estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O critério populacional diferencia-se entre

os pesquisadores brasileiros e órgãos de planejamento e, do mesmo modo, é diferente para cada país².

Entendemos que o emprego do dado demográfico tem muito a ver com o momento histórico, a localização geográfica, as especificidades da cidade e a região de estudo. Adotamos como pertinente a afirmação de Santos (1993) que considera o tamanho populacional de 100 mil habitantes fundamental para efetivação de uma dinâmica e para o desempenho de papéis de cidade média. O mesmo autor enfatiza que no Brasil, desde a década de 1990, as cidades intermediárias apresentam dimensões bem maiores, nas quais 100 mil habitantes são o novo limiar das cidades médias e 500 mil habitantes seria o limite superior de uma grande cidade média (Santos, 1993).

Para nós, consideramos a população urbana maior que 100 mil habitantes constituinte de uma cidade de porte médio, sendo essa, uma das premissas para o papel desempenhado por uma cidade média. As pequenas cidades são aquelas com população urbana de até 100 mil habitantes e as grandes com mais de 500 mil habitantes, além das metrópoles. Segundo esse pressuposto podem ser distinguidos tipos diferentes de cidades médias no Brasil, segundo as especificidades que as caracterizam. Diante de um quadro urbano heterogêneo e em constante mudança ampliam-se as dificuldades de investigação em torno desse objeto de pesquisa que tem nas funções urbanas, na posição hierárquica e nas interações espaciais importantes elementos para a diferenciação e caracterização de uma cidade média ou apenas de porte médio.

A maioria das pesquisas procura conciliar dois ou mais parâmetros investigativos. Para Spósito (2007: 233). deve-se ainda pensar as cidades médias segundo "seus papéis nas relações, sobreposições e articulações com o espaço rural e com outras cidades em múltiplas escalas." Amorim e Serra (2001)

2 Sobre o critério demográfico adotado para a classificação e estudo de cidades médias em outros países ver: Pontes, B. M. S. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização do espaço regional (década de 1970). In: Spósito, M. E. B. (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: 2001.

acrescentam que uma cidade média não é média, ela está média em uma determinada situação e em um contexto específico. Essa posição pode permanecer por muito tempo; não obstante, a cidade média pode se elevar à categoria de cidade grande ou regredir em sua importância. Do mesmo modo, alguns contextos específicos não chegam a permitir a configuração de uma cidade média, alcançando, às vezes, apenas o porte médio.

A função de articuladoras em "eixos ou corredores de desenvolvimento" é imprescindível para as cidades exercerem esse papel na rede urbana, conforme Amorim e Serra (2001), portanto, é imprescindível também a existência da rede urbana (Corrêa, 2007) na qual e por meio da qual a cidade possa desempenhar seus papéis de cidade média. As redes urbanas regionais redefiniram a inter-relação entre as cidades inserindo-as dentro de uma escala de importância em que cada urbe desempenha uma "função" (Santos, 1996) crucial a sua existência. A cidade precede a indústria, mas é inegável que a fase industrial modificou os papéis das cidades médias com a constituição de um mercado consumidor nacional que fortaleceu as relações entre as cidades (Spósito, 2007).

Com a expansão e intensificação do meio técnico-científico-informacional³, o enfoque sobre as cidades médias foi ampliado, assim como também seus papéis na rede urbana, tornando-as de compreensão mais difusa e complexa. A ampliação das interações espaciais entre as redes de cidades foi favorecida pela telecomunicação e transporte incidindo em novas, multidirecionadas e intensas redes de fluxos. Isso, entretanto, não significa que todas as cidades passaram igualmente por essas transformações. Mas certamente as reestruturações causaram alterações significativas não somente no padrão de acumulação como também na organização espacial, influenciando o processo de urbanização no âmbito dessa rede e conseqüentemente no arranjo da hierarquia urbana.

3 Conceito desenvolvido por Milton Santos e discutido em suas publicações, entre elas destacamos a obra: Santos, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo, Hucitec, 1994.

Dinâmica demográfica e Paraná urbano: uma contextualização necessária

O delineamento da rede de cidades no Paraná pode ser percebido a partir de meados do século XX, quando se estabelece a ocupação territorial no estado com a expansão da fronteira agrícola para o Sudoeste. As atividades agroindustriais, até a década de 1960, estiveram ligadas basicamente à produção primária e de baixo grau de elaboração, como o caso do beneficiamento de produtos agrícolas como madeira, erva-mate e café (Padis, 2006). A produção mecanizada e diversificada criou bases para a ampliação da divisão territorial do trabalho e para a concentração demográfica nas cidades.

Além do movimento demográfico campo/cidade iniciado entre 1960 a 1970, a população paranaense dobrou de tamanho, passando de 2.115.547 pessoas para 4.268.239 habitantes (Luz, 1988) resultado, em parte, da ação bem sucedida de companhias colonizadoras nas regiões Norte, Noroeste e Sudoeste do estado, para onde se dirigiu o fluxo migratório mais recente. De 80 cidades, existentes em 1950, elevou-se o número para 162, na década de 1960 (IBGE, 1950, 1960). Apesar do aumento populacional e de cidades naquela década, não se caracterizou um rápido processo de urbanização, pois, das 162 cidades, 114 tinham menos de cinco mil habitantes. A maioria das pessoas ainda vivia no meio rural e as cidades eram carentes em serviços e mercadorias, ou seja, necessitavam de um setor terciário. Na década de 1970, o número de cidades chegou a 288, abrigando 2.504.378 habitantes, enquanto na zona rural, a população ainda predominava com 4.425.490 habitantes.

A diversificação e mecanização agrícola e a industrialização estimularam a migração de trabalhadores do campo para a cidade. No decorrer da década de 1980, além do gradativo aumento demográfico, a população urbana paranaense tornou-se maior que a rural. A migração intensa desencadeou problemas urbanos e socioambientais, pois, a maior parte das pessoas se dirigiu para periferia das maiores cidades paranaenses ou de outros estados como São Paulo. Diante desse

contexto, enfatizamos a relevância da atuação do PNCCPM⁴ (Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio) frente ao processo migratório campo/cidade e a desconcentração industrial. Cinco cidades paranaenses fizeram parte desse programa, Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Guarapuava, e as medidas de desenvolvimento estiveram voltadas à implantação de infraestruturas urbanas, industriais e à modernização agrícola. Como podemos observar no Quadro 1, após a década de 1970 foi rápida e intensa a transição do Paraná de rural para urbano. O movimento populacional entre os anos de 1970 e 1990 elevou o número de habitantes na área urbana e o grau de urbanização de 36% para 78%, prosseguindo em elevação até o início do século XXI, quando, com 399 cidades, atingiu 81% de urbanização em 2000 e 84% em 2007.

Quadro 1: Dinâmica Populacional do Paraná (1940-2007)				
Ano	Pop. Urbana	Pop. Rural	Grau de Urbanização	Total
1940	302.272	934.004	24	1.236.276
1950	528.288	1.587.259	26	2.115.547
1960	1.305.927	2.962.312	28	4.268.239
1970	2.504.378	4.425.490	36	6.929.868
1980	4.472.561	3.156.881	42	7.629.392
1990	6.197.953	2.250.760	78	8.448.713
2000	7.786.084	1.777.374	81	9.563.458
2007	-	-	84	10.284.503

Fonte: Censos demográficos 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000.

Contagem e estimativa da população 2007.

Org.: FERREIRA, S. C. 2009.

A partir de 1980, o aumento demográfico geral no estado não se vinculava mais a processos migratórios ou de colonização, mas a fatores como melhoria nas infraestruturas urbanas com as redes de água, esgoto, das condições sanitárias, investimento na área de saúde e crescimento vegetativo. Entre 1990 e

4 Ressaltamos que a referida equipe adotou em 1974 como critério o patamar demográfico de cidades entre 50 e 250 mil habitantes para tal categoria de cidades.

2000 consolida-se no Paraná o modelo urbano industrial.

O estado integrou-se à economia nacional com indústrias de capital estrangeiro, principalmente as localizadas na CIC⁵ (Cidade Industrial de Curitiba) e RM (Região Metropolitana), como as automobilísticas, de capital estatal, como a refinaria de petróleo em Araucária, e outras de capital privado nacional e regional ampliando novos segmentos. O mesmo processo distribuiu-se para outras cidades como Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Cascavel entre outras, com diferenças na quantidade e no ramo da atividade. Sua concretização esteve apoiada em estímulos fiscais e no reforço à instalação de infraestrutura, como duplicação e manutenção de rodovias, implementação de fibras óticas de telefonia celular e ampliação de oferta, distribuição e transmissão de energia.

Apesar do apelo industrial, as atividades agropecuárias e agroindustriais, mantiveram-se como fortes âncoras econômicas, principalmente, no interior do estado, onde a industrialização inicialmente esteve mais voltada para as áreas têxteis, de alimentos, bebidas, cerâmica, química entre outras, e muitas cidades mantiveram-se com a atividade produtiva vinculada ao campo. Concomitantes a tais transformações, formaram-se espacialidades de concentração, esvaziamento e manutenção populacional com atividades mais e menos modernas e capitalizadas em centros bem distribuídos, mas, com nítidas áreas de concentração econômica e populacional.

Sistemas e subsistemas urbanos formaram-se e tornaram-se mais dinâmicos a partir de 1970, em consonância com as transformações socioespaciais que procederam no estado. Nessa década, além da capital, despontava Paranaguá, com população entre 50 e 100 mil habitantes, e Londrina, Maringá e Ponta Grossa, como cidades de porte médio entre 100 e 500 mil habitantes. Nas décadas seguintes até 2007, outras cidades apresentaram evolução populacional (Quadro 2).

5 Implantada em 1973 como objetivo das políticas de desenvolvimento estadual e nacional.

Quadro 2: Cidades entre 50 e 100 e 100 e 500 mil habitantes por década no Paraná		
Década	Cidades entre 50 e 100 mil hab.	Cidades entre 100 e 500 mil hab.
1970	Paranaguá	Londrina, Maringá, Ponta Grossa
1980	Guarapuava, São José dos Pinhais, Colombo, Apucarana, Paranavaí, Umuarama	Foz do Iguaçu, Cascavel
1990	Almirante Tamandaré, Araongas, Araucária, Cambé, Campo Largo, Campo Mourão, Telêmaco Borba, Toledo	São José dos Pinhais, Colombo, Guarapuava
2000	Cianorte, Fazenda Rio Grande, Pato Branco, Sarandi, Francisco Beltrão	Apucarana, Paranaguá, Pinhais
2007	Rolândia	Araucária

Fonte: Censos IBGE, 1970, 1980, 1991, 2000 e Estimativa IBGE, 2007.
Org.: FERREIRA, S. C., 2010

Essas cidades, somadas aos pequenos centros locais, passaram a configurar no estado espaços contíguos, com rede de cidades mais densas, e outros com descontinuidade, representados por poucas cidades com mais de 50 ou mais de 100 mil habitantes. Os desdobramentos da concentração populacional, da modernização agrícola, urbanização e industrialização no que tange à constituição da rede urbana paranaense resultaram, no final do século XX, além da capital com 1.851.215 habitantes (IBGE, 2009), em 371 cidades de pequeno porte com população até 50 mil habitantes, 15 cidades de pequeno porte com população entre 50 e 100 mil habitantes e 12 cidades de porte médio com população entre 100 e 500 mil habitantes.

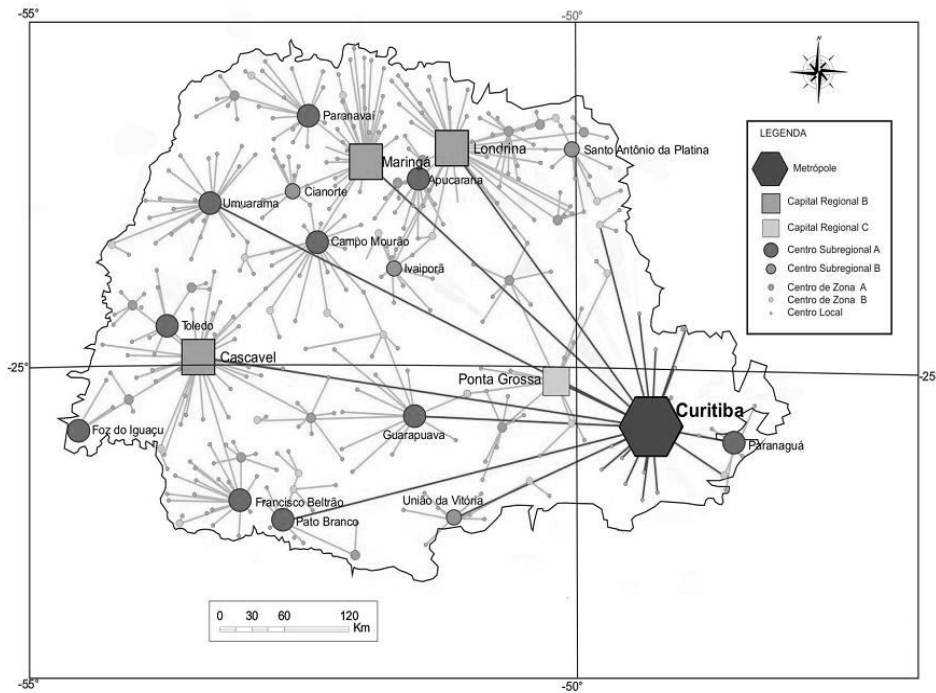
A população e o capital seguiram concentrados espacialmente, acumulados nas cidades dotadas com melhores condições de infraestrutura e serviços para onde foram direcionados mais investimentos, contribuindo com a lógica do capital de concentrar-se em polos de prosperidade e ampliar as desigualdades geoeconômicas. A hierarquia definida, tendo por base o potencial de atração de cada urbe devido sua oferta, infraestrutura e oferta de bens e serviços, demonstra o ordenamento espacial segundo funções urbanas entre as cidades no Paraná.

Cidades médias no Paraná: hierarquia, interações e funcionalidade

Percebemos que em algumas áreas no Paraná está concentrado o maior número de cidades entre 50 e 100 mil habitantes em torno de cidades médias e de porte médio que possibilitam o acesso da demanda regional a bens e serviços, atendendo mais diretamente às cidades de pequeno porte. Algumas urbes concentram quantitativa e qualitativamente essas atividades apresentando um desequilíbrio na rede com cidades mais e menos densas socioeconomicamente (Figura 1).

Geralmente no Paraná as cidades que concentram atividades e pessoas são as mais industrializadas com mercado de trabalho amplo e presença de habitantes com maior potencial de consumo. Contudo, essa não é uma questão definitiva, pois nem sempre uma cidade média consiste numa cidade industrial. Pode ser também um centro religioso, turístico, universitário etc. Geralmente essa categoria de cidade tende a desenvolver e concentrar mais de um tipo de atividade ao gerar novas economias que atendam à população ou uma especialização produtiva que a torne importante regionalmente e em escalas mais amplas.

Figura 1: Classificação e área de influência das cidades no Paraná-2007



Fonte: IBGE/REGIC(2008)
Org.: FERREIRA, S. C. (2010)

Os maiores fluxos indicam para Londrina (433.369 mil hab.)⁶, Maringá (283.653 mil hab.) e Cascavel (228.673 mil hab.) em primeiro plano, seguidas de Ponta Grossa (266.683), Guarapuava (150.157 mil hab.), Apucarana (108.498 mil hab.), Foz do Iguaçu (311.336 mil hab.) e Paranaguá (128.254 mil hab.), reforçando alguns recortes espaciais, assim como a existência de cidades com população entre 50 e 100 mil habitantes como Toledo, Campo Mourão, União da Vitória e

6 Dados populacionais das cidades (área urbana) segundo contagem do IBGE, 2007 para Apucarana, Guarapuava e Paranaguá e estimativa da população de Londrina, Maringá, Cascavel Foz do Iguaçu e Ponta Grossa no mesmo ano.

Ivaiporã, entre outras. Dentre essas cidades, elencamos para a análise Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Guarapuava por se destacarem na hierarquia urbana em seus contextos regionais.

Assim, a rede urbana do Paraná é formada por sistemas e subsistemas de cidades mais e menos complexos que estruturam as redes urbanas regionais integradas conforme o nível das interações espaciais. Alguns recortes formam complexas redes como Curitiba (Metrópole) e RM (Região Metropolitana), em torno de Ponta Grossa (Capital Regional C) e Paranaguá (Centro Sub-regional A). Juntas, essas urbes participam de forma mais integrada nacional e internacionalmente, na DTT (Divisão Territorial do Trabalho).

Outro recorte relevante na figura refere-se ao Norte Central, no qual estão localizadas as cidades de Londrina e Maringá (Capitais Regionais B). Estas se articulam entre si e a diversos centros de sua região, constituindo um espaço com matriz produtiva que se assemelha a Curitiba e Região Metropolitana. Diferenciam-se da capital por manterem a participação no total da produção do estado por meio da agropecuária e do setor industrial, enquanto em Curitiba e RM destacam-se a indústria e o setor terciário. Ambas as cidades mantêm condição de bipolaridade, pois têm relacionamento com outros recortes no Paraná, estendendo-o, inclusive, aos estados de São Paulo e Mato Grosso.

Sob a influência direta de Londrina localizam-se três Centros Sub-regionais A, Santo Antonio da Platina, Ivaiporã e Apucarana, com mais de 100 mil habitantes. Entre os seis Centros de Zona A, as cidades mais populosas são Araçongas, com 93.717 mil habitantes, e Cornélio Procópio, com 43.865 mil habitantes. Os Centros de Zona B são formados por três cidades com menos de 20 mil habitantes e mais 27 centros locais que se articulam a Londrina e estabelecem relações com outros centros urbanos de sua hinterlândia. Na região de influência de Maringá encontra-se menor número de cidades que na região de Londrina e com menor número de habitantes. Os Centros Sub-regionais A que correspondem às cidades de Campo Mourão, com 77.796 mil habitantes, e Paranavaí, com 77.463 mil habitantes na área urbana. Cianorte, como Centro Sub-regional B, com 57.321 mil

habitantes, um Centro de Zona A e três Centros de Zona B com menos de 30.000mil habitantes e 29 centros locais. Juntas, Londrina e Maringá formam uma densa rede de cidades articuladas entre si e a centros maiores.

No Norte paranaense, "as redes de Londrina e Maringá passaram a integrar a rede de Curitiba e não mais somente a rede de São Paulo" como prevalecia desde o estudo de 1966 (IBGE/REGIC⁷, 2008:18), ampliando assim, o alcance da rede de Curitiba e a integração dessas regiões. Como as principais centralidades da região Norte paranaense, Londrina contribuiu em 2008, segundo SEFA/PR (Secretaria de Estado e Fazenda do Paraná), com R\$ 4.096.279.347 de VAF/Total (Valor Adicionado Fiscal Total)) para o estado e Maringá com R\$ 3.645.288.146.

A região Oeste tem Cascavel (Capital Regional B) com vetores de dinamismo para Foz do Iguaçu e Marechal Cândido Rondon. Articula-se à capital do estado e a outros centros como Guarapuava, no Centro Sul, Francisco Beltrão e Pato Branco, no Sudoeste. A inserção de Cascavel à DTT (Divisão Territorial do Trabalho) dá-se a partir de um número maior de atividades ligadas fundamentalmente à produção agroindustrial e serviços e desempenha o complexo papel de polarizar uma aglomeração de fronteira internacional contribuindo para a geração de riquezas e estreitamento de vínculos com países do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul).

Cascavel desenvolve funções de média e alta complexidade para o atendimento da demanda regional e ganhou posição frente à Ponta Grossa, já que ambas ocupavam a mesma posição hierárquica em 2000. Em 2007, Cascavel passou a ocupar posição semelhante às de Londrina e Maringá. As cidades que estão sob a região de influência de Cascavel são Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão e Toledo, além de cinco Centros de Zona A, com população entre 24 e 35 mil habitantes, um Centro de Zona B e 28 Centros Locais. Foz do Iguaçu, como Centro Sub-regional A, com 325.137 mil habitantes, estabelece com Cascavel relação de complementaridade numa situação particular, pois, embora Foz do Iguaçu

⁷ Região de Influência de Cidade (REGIC) é um estudo realizado pelo IBGE para avaliar o nível de desenvolvimento da rede urbana por meio de critérios como: oferta de comércio, serviços, comunicação em seus diversos desdobramentos.

apresente esse volume populacional e forte comércio com relação internacional, tem suas atividades mais voltadas para as relações de fronteira e em torno da Usina de Itaipu, não estendendo centralidade significativa sobre os municípios da região que são polarizados por Cascavel.

Segundo Reolon (2007: 88), essa cidade e os demais municípios da região, até os anos 1970, "mantinham fortes relações com Ponta Grossa, tanto para a aquisição de bens e serviços produzidos como para destino da produção agropecuária excedente, particularmente suíno, comercializado nos frigoríficos dessa cidade."

A pavimentação da Rodovia Federal BR 277 fez de Curitiba o centro de referência para esses municípios e efetivou a possibilidade de acesso direto aos mercados do Sudeste e à exportação. Segundo Peris (2002), Cascavel polarizava a distribuição de bens para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, o que fez fortalecer o eixo Cascavel/Foz do Iguaçu e contribuiu com R\$ 2.849.669.946 do VAF/Total do município, em 2008 (SEFA/PR, 2008).

Os três recortes destacados no mapa conferem com os sistemas urbanos onde se localiza o maior número de cidades com população entre de 50 e 100 mil habitantes atribuindo maior densidade de relações entre as respectivas urbes e suas áreas de influência. Outros recortes com menos relevância que os anteriormente descritos somam-se à rede urbana paranaense expressando ritmo de crescimento desigual como o Centro Oriental, onde se localiza Ponta Grossa, e Centro Sul, onde localiza-se Guarapuava.

Ponta Grossa, no Centro Oriental, por vincular-se diretamente a Curitiba por eixos econômicos maiores que os estabelecidos com cidades menores de sua região constitui-se numa cidade expressiva na economia paranaense. Tem seu dinamismo intensificado pelas atividades industriais voltadas para os segmentos metalquímicos, químicos, plásticos e de alimentos, agregando também um diversificado setor de comércio e serviços.

Classificada como Capital Regional C pelo IBGE/REGIC (2008), Ponta Grossa exerce centralidade sob dois Centros de Zona A, Irati, com 42.196 mil habitantes,

e Telêmaco Borba, com 63.544 mil habitantes, ambas com produtividade vinculada à madeira. Essas cidades mantêm sob sua influência direta três Centros de Zona B, com população entre 18 e 30 mil habitantes e seis Centros Locais, entre eles Castro, que nos chama a atenção por apresentar população urbana de 47.294 mil habitantes e ter sido classificada como Centro Local pelo IBGE/REGIC (2008), como a menor centralidade na hierarquia da rede urbana

Não localiza-se na região de influência de Ponta Grossa nenhum Centro Sub-regional, como acontece com Londrina Maringá e Cascavel. Sob a influência dessa cidade, encontram-se apenas centros de Zona A e B e Centros Locais da mesma forma que na região de influência de Guarapuava. No entanto, os dois Centros de Zona A são maiores em número de habitantes na área urbana que os que se localizam na área de influência de Guarapuava e, em função da dinâmica econômica de Ponta Grossa com um consolidado setor industrial, sua centralidade se estende a maior número de cidades e habitantes que Guarapuava. Segundo a SEFA-PR (2008), contribuiu com R\$ 4.170.084.887 do VAF/Total do município, nesse caso, equiparando-se ao VAF de Londrina. Ponta Grossa, embora, apresente complexidade em comércio e serviços e significativo parque industrial tem na proximidade com a capital um fator limitante ao seu desempenho na rede urbana.

O Centro Sul apresenta fatores socioculturais significativos na compreensão dessa realidade como reservas indígenas, quilombos e assentamentos rurais, além de uma estrutura fundiária secular. Guarapuava tem participação menor que Ponta Grossa na rede urbana. As restrições no uso do solo, o duradouro modelo econômico extrativista (madeira - erva mate), o relativo isolamento interno e a baixa industrialização são fatores que influenciam nessa condição atribuída a Guarapuava (IPARDES, 2008)⁸, refletindo no espaço intraurbano e nas interações espaciais interurbanas.

Guarapuava apresenta poucas modificações quanto a suas funções na hierarquia urbana paranaense, passando de Centro Sub-regional B, em 1966, a

8 Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

Capital Regional, em 1978, depois à classificação segundo o nível de centralidade de Forte para Médio, em 1993, nível esse, equivalente ao Centro Sub-regional A, classificação recebida em 2007 (IBGE/REGIC, 2008). Segundo a pesquisa de 2007, Guarapuava exerce influência direta sobre doze municípios distribuídos em sua região, além de Prudentópolis, localizado geograficamente na mesorregião Sudeste. Dos doze municípios, nove têm suas sedes como Centros Locais com até 10 mil habitantes e 3 Centros de Zona B, sendo estes, Pitanga, Prudentópolis e Quedas do Iguaçu.

Entre as cidades que se encontram sob a área de influência de Guarapuava, nenhuma possui população maior que 50 mil, pelo contrário, o maior número de habitantes na área urbana concentra-se em Prudentópolis com 21.661 (IBGE, 2008).

O fator demográfico, associado à quantidade de cidades que constituem a referida região de influência, configura uma dinâmica menos expressiva que a representada por Londrina, Maringá, Cascavel e Ponta Grossa, como cidades que estabelecem maiores fluxos e interações na rede urbana do estado, como antecipamos nessa discussão. Entretanto, ressaltamos que a inexpressividade regional não se atribui somente à dinâmica demográfica, mas, principalmente às condições socioeconômicas que são resultado da restrição das atividades de produção e consumo, podendo ser comparado em relação às demais cidades pelo VAF/T (Valor Adicionado Fiscal Total). Em Guarapuava, no ano de 2008, segundo a SEFA/PR (Secretaria de Estado e Fazenda do Paraná), o VAF/Total foi de R\$ 1.528.972.999, quase a metade do valor de Cascavel que foi R\$ 2.849.669.946. Guarapuava teve também o menor VAF frente aos valores apresentados por Londrina, Maringá e Ponta Grossa.

Sobre as cidades médias paranaenses: metodologia de estudo e critério adotados

Os dados socioeconômicos e o embasamento teórico sobre a rede urbana e as cidades paranaenses foram buscados nas pesquisas do IBGE/REGIC (1978, 1987, 2000 e 2008), em publicações do Ipardes (2005, 2006) e de autores que

pesquisaram e pesquisam sobre a rede urbana e cidades paranaenses⁹. Primeiramente, esclarecemos que não temos a pretensão de esgotar o tema nesse artigo e que o esforço analítico aqui realizado compreende considerações preliminares acerca das cidades médias no Paraná.

Entendemos que geralmente as cidades de porte médio são estimuladas a desempenharem funções de cidade média como centros de ensino e de desenvolvimento intelectual. Ademais, tendem a tornarem-se o *locus* do trabalho intelectual como suporte para as atividades econômicas, agrícolas e industriais, sendo esse o papel que estão ocupando, gradativamente, na rede urbana (Santos e Silveira, 2001). Nesse sentido, supõe-se que essas cidades se convertam em cidades especializadas, provedoras de suporte de ensino e pesquisa científica para as diversas atividades humanas no contexto de sua área de influência, de maneira que, além de evitar o aumento de fluxos populacionais em direção à capital, possam apresentar maior autonomia e novas conexões na rede urbana.

Para atingir esse nível de complexidade, consideramos que a cidade precisa ter uma demanda populacional mínima de 100 mil habitantes para se estabelecer uma série de movimentos (pessoas, capital, ideias, mercadorias), capazes de atribuir vitalidade à cidade e à rede urbana. Encontramos no Paraná diferentes contextos em que se localizam cidades com esse patamar demográfico, dentre as quais algumas apresentam características mais contundentes quanto ao desempenho de funções de cidades médias, segundo os critérios adotados nessa pesquisa. Além do critério demográfico, os demais parâmetros (localização geográfica, interações espaciais e centralidade na rede urbana) contribuem para a compreensão de elementos que qualificam uma cidade média.

Segundo a localização geográfica, encontramos cidades metropolitanas (Araucária, Pinhais e São José dos Pinhais), portuária (Paranaguá) e, localizada

9 Dentre as principais referências, destacamos: Nakagawara (1999); Moura (2003, 2004, 2008); Fresca (2000, 2004, 2009); Ribeiro (2007); Reolon (2007); Peris (2002); Tonela (2002); Endlich (2006); a pesquisa empírica foi feita por meio do Trabalho de Campo realizado em 2008 e 2009.

em região de fronteira (Foz do Iguaçu). Embora essas urbes apresentem mais de 100 mil habitantes e sejam importantes para a rede urbana estadual, estão inseridas em dinâmicas econômicas específicas que, de maneira geral, diferenciam-nas dos demais centros urbanos. A cidade com função de média teria, segundo nosso pressuposto, o objetivo de estruturação da rede urbana, com base no papel que cada nó desempenha como centro de distribuição de bens e prestação de serviços, correspondendo assim, aos centros regionais com posição hierárquica entre as metrópoles e os centros locais (Castelo Branco, 2007).

Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Guarapuava identificam-se com esse propósito e também apresentam especificidades entre si. Londrina, Maringá e Cascavel, originadas no início do século XX e consolidadas após a segunda metade do mesmo século, exercem influência sobre uma maior gama de centros urbanos em suas hinterlândias quanto ao atendimento da população em comércio e serviços, como na atração de habitantes (IBGE, REGIC, 2008) contribuindo, dessa forma, para a descentralização populacional e de atividades comerciais e serviços de Curitiba. Os aglomerados urbanos de Londrina e Maringá, por exemplo e, em menor proporção, Cascavel e sua hinterlândia expressam um contraste geoeconômico no estado e, segundo Corrêa (1997: 21), "o processo de acumulação capitalista, fundamentado na produção industrial e no trabalho assalariado, tem uma dimensão espacial e esta tem como um de seus lugares a rede de localidades centrais tanto em nível regional como intraurbano".

A relação hierárquica diante da complexa rede urbana atual assume um caráter mais flexível quanto a suas interações mediadas pelas inovações técnicas, científicas e informacionais, mas, de modo geral, prevalece a lógica da concentração produtiva e de população. Londrina e Maringá são cidades que apresentam fortes características de cidades médias no Paraná, com contiguidades territoriais e relações intensas com os municípios vizinhos. Representam funcionalidade relevante quanto ao atendimento de sua hinterlândia, ao mesmo tempo em que, se relacionam e subordinam-se a centros maiores em outras escalas. A história da constituição de Londrina e Maringá, suas bases físicas e territoriais, suas condições de inserção na reestruturação produtiva e financeira,

seus fluxos e fixos e os papéis desempenhados na rede urbana, segundo Ribeiro (2007:558), "recomendam a atribuição do conceito de cidades médias a ambas."

Cascavel, localizada na região Oeste, surgiu na década de 1950 e, desde a década de 1980, apresenta população urbana maior que 100 mil habitantes. A localização geográfica num entroncamento rododiferroviário e a proximidade com Foz do Iguaçu inserem-na numa dinâmica complexa de polarizar os municípios de sua hinterlândia interligando uma região de fronteira. É notória a presença de cidades com mais de 50 mil habitantes em seu entorno, além de Foz do Iguaçu com quem estabelece fluxos que viabilizam a complexificação do sistema urbano e sua participação na rede. O conjunto de elementos relevantes apresentados indicam o desempenho de funções de intermediação por tais cidades na rede urbana.

Uma pesquisa realizada pelo IPARDES (2005), com projeções das populações municipais paranaenses de 2000 a 2010, apontou as cidades e aglomerados que continuariam a se densificar, as quais denominou "espacialidades de concentração urbana", e municípios que continuariam a perder população, denominados "extensas áreas de esvaziamento". Tal pesquisa indicou a continuidade de concentração populacional na Região Metropolitana de Curitiba e nos aglomerados de Maringá, Londrina, Cascavel e Foz do Iguaçu, em oposição a 84% dos municípios inseridos nas espacialidades de esvaziamento, exigindo um "reequilíbrio" econômico e populacional.

Ponta Grossa pela proximidade com a capital, e as facilidade de transportes para o deslocamento populacional, tem sua função de intermediação reduzida. No entanto, constitui-se em importante cidade industrial com participação significativa na economia do estado e isso lhe confere uma diversificada gama de serviços e comércio, *shoppings centers* que atende de imediato à demanda regional e cidades de outras regiões (Trabalho de Campo, 2009). Apresenta, assim, novas necessidades analíticas em função de suas especificidades e não verificamos nessa pesquisa, elementos suficiente que permitissem uma afirmação sobre sua função como cidade média na rede a partir dos critérios metodológicos por nós empregados.

Guarapuava, originada sob circunstâncias semelhante as que contribuíram para o surgimento de Ponta Grossa, possui especificidades que a mantiveram em desvantagens econômicas. Como a maior cidade da região, Guarapuava atingiu população urbana superior à rural na década de 1980, com 89.951 urbana e rural de 68.636 e mais de 100 mil na década de 1990. Embora os dados socioeconômicos não lhe sejam favoráveis, com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) (IPARDES, 2005, 2006), sua localização e demografia possibilitam empreendermos uma análise dessa natureza, ou seja, referente à possibilidade de atuação como cidade média. A inserção de Guarapuava na rede urbana paranaense se dá por meio de sua estreita ligação com a capital e as relações com Ponta Grossa e Cascavel em menor proporção (Trabalho de Campo, 2009). As cidades sob as quais exerce influência e aquelas de maior centralidade no contexto regional conformam um subsistema urbano com fracas interações espaciais na rede distanciando-a do desempenho de funções de intermediação.

Resultados

A partir das fontes teóricas, empíricas e das reflexões por elas proporcionadas, compreendemos preliminarmente que, entre as cidades elencadas para a análise, três apresentam características que correspondem a uma atuação como cidades médias sendo elas: Londrina, Maringá, Cascavel.

Quanto a Ponta Grossa, embora possua diversificada gama de serviços e comércio e seja um forte polo industrial, não tem demonstrado ao longo do tempo, capacidade de influenciar significativamente na transformação de sua hinterlândia que possui baixo IDH (IPARDES, 2005, 2006) na maioria dos municípios e assim, embora apresente dados econômicos que lhe conferem uma aproximação com uma cidade média, ainda mantém restrito desempenho de suas funções no âmbito regional que é fortemente centralizado por Curitiba.

O caso de Guarapuava, apesar de sua localização geográfica regional, porte demográfico e a existência de um setor de comércio e serviços com nível

intermediário, as interações espaciais e as qualidades socioeconômicas não a favorecem com uma denominação de média (Trabalho de Campo, 2009). A inexistência de *shopping center* e de serviços de transporte aéreo de passageiros em voos comerciais distanciam-na das demais cidades analisadas. A pouca geração de fluxos de comunicação e circulação é justificada pelo baixo poder aquisitivo da maior parte da população, de maneira que a sua restrita área de influência não propicia interações espaciais intensas, de longo alcance e duradouras que lhe confira funções de cidade média.

Como apresentado, algumas cidades e respectivas áreas de influência distinguem-se no comando da rede urbana no Paraná pelo fluxo de interações espaciais que promovem. São aquelas referentes à aglomeração urbana metropolitana de Curitiba, incluindo Ponta Grossa, as aglomerações urbanas de Londrina e Maringá e de Cascavel. Essas urbes caracterizam-se pela abrangência de sua importância econômica e funcional impulsionada por atividades dos segmentos modernos de produção, comércio e serviços.

Lembramos que as cidades médias, assim como outras categorias de cidade (pequena, grande) podem ter sua dimensão e funcionalidade alterada segundo sua participação na DTT (Divisão Territorial do Trabalho) no decorrer do tempo. Após refletirmos até aqui sobre a constituição das cidades e da rede urbana paranaense e a configuração da atual rede urbana e região de influência das cidades, podemos afirmar que esta se encontra articulada por redes de circulação (rodovias e telecomunicações), mas, ainda desarticulada econômica e socioespacialmente com espaços internos relativamente isolados. Portanto, com áreas que necessitam equilíbrio mais econômico que populacional, como o caso de Guarapuava no Centro Sul do referido estado.

Considerações Finais

Em cada recorte espacial encontram-se cidades originadas sob circunstâncias próprias que resultaram na configuração de um quadro socioespacial e de uma rede de cidades formada, sobretudo, após a década de 1970. Essa rede é liderada

por Curitiba, como cidade primaz que exerce influência sobre todo o território paranaense, e parte dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além da aglomeração urbana formada por Curitiba, destacam-se mais três sistemas urbanos relevantes representados pelas principais cidades médias do estado, sendo elas: Londrina, Maringá e Cascavel com uma significativa região de influência (IBGE/REGIC, 2008).

Ponta Grossa atua como uma capital regional e integra-se ao sistema e à rede urbana de Curitiba. Guarapuava atua como centro sub-regional formando um subsistema urbano que se integram à rede de Curitiba. A referida urbe apresenta pouca articulação com outras regiões do estado como Norte e Sudoeste e não constitui aglomeração urbana, tampouco espaços contíguos. Embora tenha ocorrido um fortalecimento interno da sociedade e da economia paranaenses, ainda existem desigualdades socioespaciais que parecem repetir a realidade nacional. Os principais níveis de hierarquia com os sistemas e subsistemas urbanos apresentados neste artigo evidenciam uma geografia urbana que expressa a formação socioespacial diferenciada com a caracterização de cidades médias em algumas regiões do estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim Filho, O. (1976): "Esquema metodológico para o estudo das cidades médias". In: *Encontro Nacional de Geógrafos. Resumo de comunicações e guias de excursões*. Belo Horizonte: AGB.
- Amorim Filho, O. Serra, R. V. (2001): "Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional". In: Andrade, T. A.; Serra, R. V. (org.) *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Andrade, T. A.; Lodder, C. A. (1979): *Sistema urbano e cidades médias no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES.
- Andrade, T. A.; Serra, R. V. (2001): "O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período 1970/2000". In: Andrade, T. A.; Serra, R. V. (org.) *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Castello Branco, M. L. G. (2007): "Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias". In: Spósito, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *Cidades Médias: espaços em transição*.
- IBGE/REGIC. *Regiões de Influência das Cidades*. Rio de Janeiro. 1978, 1987, 2000 e 2008.
- Corrêa, R. L. (1997): *A Rede Urbana*. São Paulo. Ática.
- ----- (2007): "Construindo o conceito de cidade média". In: *Cidades médias: espaços de transição*. Org.: Maria Encarnação Beltrão Spósito). Expressão Popular, São Paulo, 2007.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Censos demográficos de 1940 a 2000.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Estimativa da população 2007, 2009.
- IPARDES (2005): *Os vários Paranás: estudos socioeconômico-institucionais como subsídio aos planos de desenvolvimento regional*. Curitiba.
- IPARDES (2006): *Identificação, caracterização, construção de tipologia e apoio na formulação de políticas para os arranjos produtivos locais (APLS) do Estado do Paraná. Diretrizes para políticas de apoio aos arranjos produtivos locais / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral*. Curitiba.
- Luz, C. C. (1980): *A madeira na economia de Ponta Grossa e Guarapuava*. (Dissertação de mestrado). Curitiba: UFPR, 1980.
- Reolon, C. A. (2007): *A aglomeração urbana da soja: Cascavel e Toledo no contexto da metropolização na Mesorregião Oeste Paranaense*. 2007. Dissertação (Mestrado) - UNIOESTE/Campus de Toledo, Toledo.
- Padis, P. C. (2006): *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*, São Paulo: Hucitec.
- Peris, A. F. (2002): *Trilhas Rodovias e Eixos. Um estudo sobre desenvolvimento regional*. (Coleção Thésis). Cascavel, Edunioeste.
- Silva, W. R. da (2007): "Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana". In: *Cidades médias: espaços de transição*. Org.: Maria Encarnação Beltrão Spósito). Expressão popular, São Paulo.
- Santos, M. e Silveira, M. L. (2001): *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*.

Rio de Janeiro: Record.

■ Santos, M. (1993): *A urbanização brasileira*. Hucitec, São Paulo.

■ ----- (1996): *A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. Edusp, São Paulo.

■ Soares, B. R. (1999): *Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. Formação*. UNESP, Presidente Prudente, nº 6.

■ ----- (2007): "Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais-MG". In: *Cidades médias: espaços de transição*. Org.: Maria Encarnação Beltrão Spósito). Expressão popular, São Paulo.

■ -----, Pereira, Anete Maria: "Tendências e Problemas da Urbanização de Cidades Médias: o caso de Montes Claros-MG". In: *Simpósio*

Regional de Geografia "perspectivas para o cerrado no século XXI". Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Geografia 26 a 29 de Novembro de 2003.

■ Steinberger, Marília e Bruna, Gilda C. (2001): "Cidades Médias: elos do urbano-regional e do público-privado". Andrade, Thompson Almeida e Serra, Rodrigo Valente. (Org.) *Cidades Médias Brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA.

■ Spósito, Maria Encarnação Beltrão (2001): *Urbanização e cidades: Perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: (s.n).

■ ----- (2007): "Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana". In: *Cidades médias: espaços de transição*. Org.: Maria Encarnação Beltrão Spósito). Expressão popular, São Paulo.